



EVA VESTIDA DE ADÃO: ANDROGENIA E MODA NA RECIFE DA DÉCADA DE 1920

Tásso Araújo de Brito¹

Resumo

Este presente trabalho visa analisar as formas que homens e mulheres das camadas médias urbanas passaram a viver a Recife da década de 1920. Esta cidade passara por uma série de transformações que tinham como objetivo encaixar Recife no projeto da modernidade europeia e tendo como norte civilizatório Paris, estas mudanças agradavam as camadas médias das elites urbanas que passavam a disputar espaços com as camadas mais baixas da população. Esta investigação se adéqua no campo teórico metodológico da Nova História Cultural e foi através da imprensa que esta investigação percebeu que os novos valores éticos e estéticos possibilitaram que uma moda marcada fortemente pela androgenia aparecesse como uma das formas de viver a Recife da década de 1920. E esta moda surgira na França durante a I Guerra Mundial e logo foi adotada nas lutas femininas por mais espaços na sociedade. Então, ao lidarmos com moda é quase um consenso entre os estudiosos do ramo que lidaremos com lutas femininas, mas, este presente trabalho também pensa a questão masculina em relação à moda, pois, a androgenia e moda estavam ligadas tanto a homens quanto a mulheres.

Palavras-chave: comportamento, gêneros, influencia francesa.

Abstract

This present study aims to examine the ways that men and women of the urban middle classes began to live Recife in the 1920s. This city had gone through a series of changes to fit Recife in project of European modernity having Paris as north civilizing, these changes pleased the middle class of urban elites that went to compete for spaces with the lower strata of the population. This research fits in the field theoretical methodological of the new cultural history and has been through the press that this research found that the new ethical and aesthetic values that allowed that a fashion strongly marked by androgyny appeared as a way of living Recife in the 1920s. And this trend had emerged in France during World War I was soon adopted in the women's struggles for more space in society. So, when dealing with fashion is almost a consensus among scholars that the industry will deal with women's struggles, but this present work also view the issue in relation to male fashion, because androgyny and fashion were linked to both men and women.

Keywords: behavior, gender, French influence.

I. INTRODUÇÃO

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Pernambuco; e-mail: Tasso.brito@gmail.com



A Escola do Annales, e, posteriormente, o que vem sendo denominado de a Nova História Cultural, ao longo do século XX se firmaram, conquistando espaço e respeito no meio intelectual. Este trabalho se insere nesta proposta de História. A Historiografia atual tem consolidado a idéia da necessidade de diversificação no uso das fontes para a pesquisa histórica, ampliação esta que abriu novas perspectivas em relação a objetos de estudo e técnicas de pesquisa, levando os historiadores a aproximação com o campo de estudos da cultura. Este presente trabalho visa investigar as relações entre a moda e os indivíduos que viveram a Recife dos anos 20.

No começo do século XX, as principais capitais e cidades do Brasil passaram por um surto de urbanização fortemente influenciada por Paris. Ainda no século XIX, sob a administração do prefeito parisiense Eugène Haussmann, Paris se tornara “a capital do século XIX” (BENJAMIN, 1984) por conta da série de reformas urbanas ali empreendidas, tais como o alargamento das avenidas e a criação de grandes bulevares.

A influência da urbanização francesa no Recife se fez presente ainda no século XIX, durante o governo de Francisco do Rego Barros (1837/44), futuro Conde da Boa Vista, que promoveu a vinda de artistas e técnicos franceses. Conhecida como “Missão Francesa”, o grupo foi chefiado por Louis Vauthier, engenheiro que empreendeu mudanças que modificaram a face da cidade e os hábitos dos recifenses.

Já nas primeiras décadas do século XX, Paris ainda era um norte civilizador e Recife passava por grandes reformas urbanas, fazia parte das mudanças: Melhoramentos do porto, reformas no Bairro do Recife, o embelezamento de praças, reformas no Largo da Encruzilhada, urbanização do Derby, construção de mercados públicos e a abertura da Avenida Boa Viagem. Tais mudanças aconteciam ao passo da chegada de novas técnicas e tecnologias: o cinema, os automóveis, a moda... Recife parecia cada dia mais agir mais rápida. A modernidade estava no imaginário da cidade. Este tipo de mudanças, nas palavras de Marina Maluf e Maria Lúcia Mot:

“Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam mudanças mais visíveis. Através de um processo diagnosticado por vários críticos temerosos como imperfeito e desorganizado, a nova paisagem urbana embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea”. (MALUF e MOTT, 2006: 371)



Estas transformações urbanas além de atenderem demandas de parcelas da população, também, aconteciam para serem excludentes as camadas mais baixas e marginalizadas da sociedade, suas moradias, seus hábitos, higiene, modo de se vestir, ou seja, seu modo de viver a cidade (MIRANDA, 2004).

As elites médias urbanas estavam cada vez mais contentes com as mudanças na face da cidade, as vias públicas passavam a ser disputadas com as camadas mais baixas. As camadas mais pobres da população tinham a rua como espaço de sociabilidade, de sobrevivência e de vivência da cidade, mas, agora se deparavam com concorrentes, as camadas médias das elites urbanas (COUCEIRO, 2003)

As elites contavam com armas nesta luta por espaços que iam desde seu maior poder econômico quanto elementos do seu modo de ser, do seu habitus. Entre tantas armas nesta luta este trabalho versa sobre a Moda. Assunto que ainda não despertou muitos debates entre os intelectuais, ainda menos entre os historiadores; são poucos os que se aventuraram nesta senda. Os conceitos e definições ainda são frágeis e a bibliografia é escassa, tornando o caminho de uma pesquisa histórica sobre moda mais difícil, porém, mais instigante.

Mas, antes de continuar é preciso entender os pressupostos teóricos desta investigação em relação à conceituação de moda. Uma vez que sabemos que o assunto moda é ainda inusitado entre os acadêmicos.

II. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O trabalho que se segue tem como norte as análises feitas pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (2003), a visão deste autor se difere da visão comum do que seria moda. A visão comum do que seria moda não deixa ter a sua lógica, mas, é um tanto simplista. Vejamos o conceito usado por Anne Hollander para moda:

“é o que aparece nos meios de comunicação e nas coleções de estilistas nas lojas, após ter sido mostrada primeiramente nas passarelas; e exatamente como na indústria do espetáculo, ela agora está ligada a nomes famosos e suas associações a características também famosas.” (HOLLANDER, 1996: 22)



Mas, esta conceituação para moda ainda está presa ao vestuário, e assim não poderíamos pensar em termos como *lugares da moda*, *artistas da moda*... Por isso o conceito de moda precisa ser mais abrangente.

Lipovetsy diferencia o conceito de vestimenta e de moda como diferentes apesar de suas ligações inquestionáveis. Para ele vestimenta seria a roupa em si, enquanto, moda seria a constante mudança do gosto ao longo da história, que aconteceria de maneira feérica e efêmera. Para Umberto Eco (1989) existiria um caráter duplo das roupas. Eco defende que um caráter é o “*servir para*” que é mais fácil de compreender, pois, é o visível, são suas funções básicas como proteção do frio ou do sol. A outra é o que interessa mais aos pensadores é o “*dizer que*”, uma vez que o vestuário fala, comunica pensamentos e intenções

“Se participo no conselho de administração de boina basca com estrela e barba à Guevera, de capote militar e sapato de tênis, será difícil demonstrar aos presentes que as minhas intenções não eram polêmicas e que me vesti assim por puro acaso.” (ECO, 1989:18)

Mas, em linhas gerais o “*dizer que*” das roupas e da moda ainda é pouco escutado pelos os historiadores e intelectuais. Mesmo na emergência de cursos de moda em muitas faculdades pelo país existe uma predominância vertiginosa de estudos aplicados, que visam aprimorar a cadeia produtiva do negocio moda em contrapartida a sua teorização e estudo de caráter das ciências sociais (ALMEIDA, 2002:197)

A mudança do vestuário aconteceria como moda com a valorização do antropocentrismo do final da idade média, a valorização do individuo. Isto aconteceria pelo fato da moda ter um caráter ambíguo entre individualização e a criação de identidade de grupo, pois se não existisse moda vestiríamos todos de maneira igual. (MESQUITA, 2004)

Para Cristiane Mesquita:

“ Os modos de se vestir, se adornar, de interferir sobre os corpos são elementos que se compõem com outros vetores, os quais produzem os modos de ser, os modos de relação a si: as subjetividades. A subjetividade varia seus modelos dominantes, a partir da oscilação das forças que estão compondo e recompondo seus contornos. A moda estetiza e apresenta

... muitos desses elementos interligados: moral, tecnologia, arte, religião, cultura, ciência, economia, natureza, etc.” (MESQUITA, 2004:15)

Por isso que a investigação sobre moda pode ser a via de acesso para compreensão da sociedade. E partindo destes pressupostos nosso olhar se voltar para a cidade de Recife da década de 1920.

III. RECIFE E A MODA

Em comparação com o século XIX a moda do século XX é uma ruptura gigantesca, principalmente se olharmos para Recife. Ainda no início do século XX, era possível ver passeando pela cidade mulheres vestidas com seus longos vestidos aramados de anquinhas, que deixavam apenas os braços e o rosto de fora, os braços ainda entravam em luvas que quase chegam a tocar a manga do vestido.

Na Recife da década de 1920, as mulheres passaram a aderir a uma moda de origem francesa que era mais libertaria do corpo. Os vestidos encurtaram, se tornaram mais justo ao corpo, sem mangas, os cabelos curtos e a maquiagem mais marcante. Como é visível nas imagens abaixo:



Guia Prático e Sentimental – Gilberto Freyre, início do século XX



Revista da Cidade 07 de agosto de 1926
(acervo FUNDAJ)

Essa moda emergiu na França em um ambiente onde novos valores morais e estéticos emergiam antes mesmo da I Guerra Mundial, onde a era Vitoriana encontrara seus alçôzcos, segundo o historiador Modris Eksteins (1991). Sem os novos valores éticos a moda francesa não se desenvolveria na mesma direção, o próprio valor do novo, do que é efêmero é de



fundamental importância para a moda e, ainda segundo Eksteins, foi na Paris do início do século XX que emergiam a rebelião contra o *Status Quo* da sociedade tradicional.

Paris influenciava os padrões estéticos e éticos, pois, sem um novo regime de valores seria impossível que a moda tomasse os rumos que tomou na França ou no Brasil. Porém, estas mudanças eram visíveis mesmo na sociedade norte-americana quando as mulheres passaram a adotar o conjunto saia e blusa em contrapartida ao vestido. As mulheres americanas adotaram esta peça pela comodidade do uso cotidiano, era mais prática e leve se comparado com os vestidos armados que ainda eram usados no começo do século XX nos Estados Unidos.

Atrelada a moda estavam novos comportamentos femininos que causavam escândalo nos mais conservadores, indo sozinhas às compras, fumando e dirigindo automóveis. Setores da sociedade, como a igreja católica, se colocavam contra os novos hábitos e a moda do período. Não é incomum ler um jornal com matérias do tipo: “*A moral e religião clamam contra os abusos das modas femininas*” (Jornal Pequeno de 22 de janeiro de 1920). A crítica à moda por parte da Igreja é uma crítica às aceleradas transformações do período que, aos olhos da igreja católica, poderiam ser práticas desviantes. Mas, mesmo diante da condenação de parte da igreja, as revistas que circulavam no Recife continuavam divulgando as novidades da moda e defendendo-as:

“A Roupa é um mal entendido dos moralistas. O papa, insistindo por ella, pondo nella a salvação da humanidade, agravou esse engano millenar. Nada mais casto que um corpo nú. Esconder a nudez eis idéia do Diabo... Mas, as mulheres do século XVIII, na cidade que ensinava a elegância às outras cidades do planeta, andavam vestidissimas e o século XVIII em Paris, portou-se muito mais escandalosamente que o nosso.” (A pilheria 3 de julho de 1926)

Mas, em revelia das críticas a moda continuou em seu curso, conquistando não apenas homens e mulheres, mas, conquistando espaços públicos. A Rua Nova já no século XIX era o espaço preferido por modistas franceses que aqui residiam e nas primeiras décadas do século XX se transformara em um dos principais espaços de sociabilidade para os filhos das elites



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

médias urbanas. Era lá onde acontecia o *footing* mais concorrido da cidade. O *footing* era como os periódicos da época chamavam os passeios do fim de tarde.

Através do *footing* e de equipamentos de divertimentos como cinemas e confeitarias, a rua nova se tornou um teatro de operações sociais, seria impossível mensurar quantos amores e ódios foram forjados naquele espaço. E para *footing* era necessário um cuidado especial com o visual. Segundo os periódicos recifenses para estar bem vestido era necessário seguir os padrões franceses de moda.

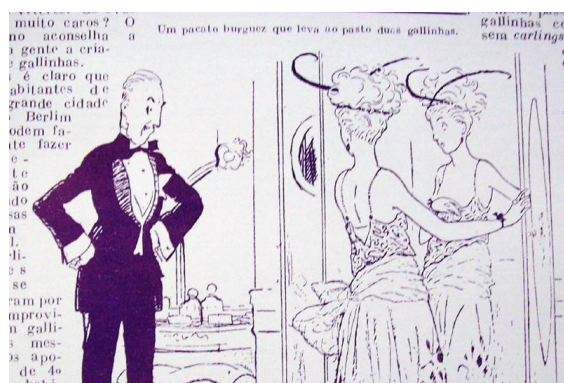
As confeitarias são espaços privilegiados para observar as disputas envolvendo a moda e os modos de viver a Recife dos anos 1920. A Confeitaria *Bijou* e a Confeitaria *Crystal* são exemplares para este embate, a *Bijou* era freqüentada por camadas médias urbanas, aqui entendidas por profissionais liberais como médicos, advogados e engenheiros; enquanto a *Crystal* por pessoas mais abastadas. Com a falência da *Crystal* a *Pilha* versou:

A Crystal, aquella grande disparate de luxo na modéstia duma cidade onde apenas existe o desejo de civilização, passou para a tristeza do “demi-monde” que a freqüentava. Era o ambiente accommodaticio das “poses” burguesas. Coronéis de fraque, mulheres “old-fashioned”, rapazes deselegantes... (A Pihéria 12 de junho de 1926)

A derrota da *Crystal* simboliza a derrota da moda de origem Inglesa, com a austeridade da moda vitoriana. No Recife é espantoso ver a velocidade da transformação sofrida pelas vestimentas, principalmente a feminina.

A apesar da moda de origem francesa sair vitoriosa, ela não se impôs por completo. Não há registros que as recifenses tenham usados calças na década, sabendo que esta peça existia desde meados de 1917 na França. Na história o resultado dos embates fica além ou aquém das forças que estavam em disputas, com a moda não é diferente. Mesmo a moda francesa tendo sido adotada, nem todos os seus elementos foram apropriados pelos recifenses.

As críticas a moda persistiram nos jornais e revistas, que retratavam com exagero e comicidade em charges:



Legenda da charge:

- Ô criatura... Você não acha que este vestido está decotado demais?

Você o censuro e por muito curto. Para

Eu Sei Tudo, Agosto de 1920 (acervo
FUNDAJ)

Mas, não era só a moda que recebia críticas, os comportamentos mais libertos das mulheres passavam a ser satirizado:



Legenda: **Hoje- Papai- Resolvi casar com o Gustavo**
Revista Eu sei tudo agosto 1921(acervo FUNDAJ)

Eram críticas a mudanças aceleradas que a sociedade passava, seus críticos eram temerosos não apenas com as mudanças, mas, também a velocidade da mudança. A modernidade estava tanto no imaginário, tanto para os defensores quanto aos seus detratores.

IV. ANDROGENIA E MODA

Gilda Melo e Souza (1987) fala que no século XIX a forma geral do vestuário feminino era um “X”, enquanto o vestuário masculino obedecia a forma de “T”, independente da variação da moda. Mas, esta investigação percebeu que na década de 1920, as mudanças da moda acabaram por modificar a forma do vestuário. A forma do vestuário feminino passou a ser “T” e a masculina acabara por se assemelhar com um “X”, porém, sem abandonar elementos masculinos.

Os vestidos passaram a ter a cintura deslocada para baixo, apagando a curvas. Isto acabava por masculinizar o corpo feminino, uma vez que a curva entre a cintura e os quadris é uma das características marcantes do corpo feminino. Os seios, também, eram escondidos pelos vestidos, uma característica ainda mais marcante passava ser escondida no corpo das mulheres. Como se pode observar nas imagens a seguir:



Revista da cidade, 31 de julho de 1926 (acervo FUNDAJ)



Revista de Pernambuco, janeiro de 1926 (Acervo FUNDAJ)

Os cabelos curtos eram chamados de *á la garçonne*, que poderiam ser traduzidos como a moda do rapaz. Este corte de cabelo acentuava o caráter andrógeno no ideal da moda, uma vez que a nuca era raspada diminuía o volume do cabelo e o comprimento era rente a cabeça. O corte tornara-se praticamente uma unanimidade nas cabeças das mulheres que constituíam a elite urbana do Recife e a partir da capital também conquistou espaço nas elites rurais no interior:

“Há tres annos passados, naquella cidade, Mme. Georgina Pinheiro, esposa amantíssima do coronel Putarcho da Rocha Pinheiro, chefe do partido opposicionista, de volta d’um passeio a Recife, appareceu com os cabellos á la garçonne. Foi um escândalo. Os próprios correligionários do coronel censuraram na intimidade, o acto tresloucado de Mme. Georgina, reprimindo, a custo, a indignação produzida por tamanha rebeldia feminina. Os Adversários, então, não pouparam a virtuosa esposa do velho opposicionista” (A Pilheria 18 de Setembro de 1926)

O ideal andrógeno feminino era dificilmente alcançado pelas mulheres recifenses, quer seja pelo tipo de cabelo que não ficava tão rente a nuca ao ser cortado *á la garçonne* ou pelo tipo de corpo mais curvilíneo do que as francesas. Mas, mesmo assim, algumas mulheres conseguiram resultados muito aproximados ao ideal:



Revista da Cidade 18 de Agosto de 1928
(acervo FUNDAJ)



A Pilheria 12 de junho de 1926
(acervo FUNDAJ)



Outros elementos passaram a compor a androgenia feminina, gravatas e cigarros são marcantes nesta construção, além de uma guinada nos comportamentos femininos que passavam a lutar e conquistar mais espaços na sociedade. A conquista se deu, também, a moda se transformou na “*grande arma na luta entre os sexos e na afirmação do indivíduo dentro do grupo*” (SOUZA, 1987, p 89). Alguns elementos desta androgenia persistiram por muito tempo e se naturalizaram no vestuário feminino, as gravatas passaram a está presente nos uniformes escolares femininos das escolas mais conservadoras.

Os homens apesar de serem mais discretos não deixaram passar em branco a nova moda, as calças passaram a ser mais justas e os sistema de botões paletós passavam a marcar a cintura masculina assemelhando a silhuetas masculinas com a femininas. A forma de “X” que as mulheres iam abandonando passou a ser resgatada timidamente pelos homens. Mas, é preciso ter sempre em mente que esta transformação masculina acontecia de maneira tímida e lenta.

A androgenia não era apenas uma questão da vestimenta ou da moda, os comportamentos masculinos produziam comportamentos andróginos, ambos os sexos passavam a ter comportamentos novos, que por vezes causavam escândalo na sociedade recifense. Era possível ler nas páginas de *A Pilheria* em crônicas sociais como esta:

“Elle tem unhas róseas, pontudas, tratadas diariamente pela “manicure” mais hábil da cidade. Deve sê-lo, pelo menos...

Usa pó-de-arroz. Muito!

A’s vezes dá um tom leve de carmim ás suas faces pallidas de moço elegante. É o que se conclue, quando elle aparece corado... E a sua cabelleira loira ondulada ao “coiffeur” mais moderno, que a sabe tratar por electicidade a lhe acariciar as faces com massagens vibratórias, tem attitude “blonde” de melenas principeseas...” (A Pilheria 19 de junho de 1926)

Esses novos comportamentos assim como o vestuário eram usados nas disputas pelas vias públicas, mas, era parte integrante do modo-de-ser das elites média urbanas. E assim como as roupas causavam embates entre setores mais conservadores, estes comportamentos



despertavam críticas, os jornais e revistas da época são cheias de charges que satirizam os novos comportamentos e as novas modas:



Legenda: O velho - Oh, Philomena, chama atenção d'aquella moça, que está apertando demais o nosso filho.

A pilheria, 11 de Julho de 1925 (Acervo FUNDAJ)

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CINEMA E MUDANÇA DO EIXO IRRADIADOR DE CULTURA

Os atores como Rudolph Valentino ajudaram a propagar um visual andrógino masculino através do cinema, enquanto as atrizes ajudam propagar a moda feminina. O cinema é um dos inventos mais aclamados na Recife da década de 1920. A I Guerra mundial, o fim da *Belle Époque*, a popularização dos filmes produzidos pelo cinema norte-americano, minimizou a influência francesa no Recife. O cinema é um dos fatores que marcou a troca de eixo irradiador de novos costumes. Os Estados Unidos da América, que saíram fortalecidos da I Grande Guerra e passaram a se posicionar como a grande potência do século XX, vai aos poucos assumindo a liderança econômica e cultural ao nível mundial.

Nos anos 1920 o cinema era muito importante na vida dos recifenses, os *flirts* e os namoros aconteciam no escurinho do cinema. No Recife chegou-se a produzir 13 filmes entre



1923 a 1931, ficando a produção dessa fase conhecida como ‘Ciclo do Recife’. Filmes como *A filha do Advogado* e *Aitaré da Praia* causaram impacto na sociedade recifense e em outros centros.

Nas telonas os norte-americanos não escaparam da influencia francesa, porém a recepção esta moda lá tomou rumos diferentes e com ascensão dos EUA como potencia mundial a moda produzida nos Estados Unidos passou a competir com a quase hegemônica moda francesa. A moda americana passou, também e se mesclar com a moda francesa.

São mudanças que eram capitadas através do cinema, que ia se tornando em um dos mais rentáveis empreendimentos americanos. O cinema, também, foi se consolidando como um veiculo propagador da cultura norte-americana.

A História da moda e do comportamento no Recife se desenvolveu em uma dialética de tensão. Moderno e antigo, local e global, novidade e tradição parecem (co) existir se esbarrando, acotovelando-se, procurando um espaço dentro da cidade. E a cidade do Recife parece sempre procurar arranjos e rearranjos para as essas forças.

O cotidiano, que tem sido assunto em destaque na historiografia recente, é composto por assuntos como a moda, então, para tentar compreender o cotidiano é válido tentar olhar para a moda. Esta investigação passou a olhar a moda como aliada das ideologias, dos modos-de-ser dos recifenses em uma cidade em constante transformação.

E a moda que poderia ser considerado um tema tão fútil, foi ao longo desta pesquisa uma grata surpresa, pois, ela se mostrou um termômetro das mudanças nos primeiros anos do breve século XX.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Adilson José de. *Moda e História*. In *Moda, Comunicação e Cultura: Um Olhar Acadêmico Org*: ALMEIDA, Adilson José de. WAJNMAN, Solange. São Paulo, Ed. Arte & Ciência, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Paris, Capital do Século XIX*. In Espaço & Debates n.7, São Paulo, 1984.

COUCEIRO, Sylvia Costa. *A arte de viver a cidade. Recife*, Tese (Programa de Pós-Graduação em História) - UFPE, 2003.

ECO, Umberto. *O hábito fala pelo monge*. In *Psicologia do Vestir*. Lisboa Assírio e Alvim, 1989.



IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera: A Grande Guerra e o Nascimento da Era moderna*. Rocco, Rio de Janeiro, 1991.

FREYRE, Gilberto. *Guia pratico histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de janeiro: J. Olympio, 1942

Jornal Pequeno de 22 de janeiro de 1920.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero a moda e seu destino na sociedade moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino* In: História da vida no Brasil 3 República: da Belle Époque à Era do Rádio. Org. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MESQUITA, Cristiane. *Moda Contemporânea: Quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbir, 2004.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *Um Urbanismo Excludente: O Caso Da Capital Federal E Do Bairro Do Recife No Início do Século XX* in Clío Revista De Pesquisa Histórica N° 20. Recife, Ed Universitária da UFPE, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

Revista A Pilheria, 3 de julho de 1926.

Revista A Pilheria, 11 de Julho de 1925

Revista A Pilhéria, 12 de junho de 1926.

Revista A Pilheria, 18 de Setembro de 1926.

Revista A Pilheria 19 de junho de 1926.

Revista da Cidade, 07 de agosto de 1926.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

Revista da Cidade, 18 de Agosto de 1928.

Revista da cidade, 31 de julho de 1926.

Revista de Pernambuco, janeiro de 1926.

Revista Eu Sei Tudo, Agosto de 1920.

Revista Eu sei tudo agosto 1921.

Revista O Careta 14 de Agosto de 1920